



Tese da Corrente Sindical Marxista – Guillermo Lora ao 5º Congresso da CSP-Conlutas

NÃO À OPOSIÇÃO DE ESQUERDA, SINDICAL E ELEITOREIRA!

***Por uma oposição revolucionária ao governo burguês
de Frente Ampla de Lula/Alckmin!***

CONJUNTURA INTERNACIONAL

Considerando que:

- 1) A conjuntura internacional está marcada pela disputa, aberta ou por meio de terceiros, entre as economias das potências imperialistas, tendo os EUA à frente, e aquelas nacionalizadas pelas revoluções proletárias, em especial China e Rússia.
- 2) Esse conflito, que se manifesta quase que diariamente por meio da guerra comercial, está também por trás de disputas eleitorais, guerras civis (Sudão e Sérvia), golpes militares, disputas territoriais (Taiwan e todo o sul do Pacífico), e guerras entre países, como a na Ucrânia. Expressa o ponto mais elevado da decomposição do modo de produção capitalista, que se manifesta nas sucessivas e contínuas crises desde 2008.
- 3) O capitalismo, ao se elevar à fase imperialista, passou à contagem regressiva de seu final histórico. As duas guerras mundiais o expressaram, com a mortandade, o genocídio e a ampla destruição de forças produtivas. Em 1938, previu-se que o capitalismo estava num beco sem saída. Não se supunha que a gigantesca destruição pudesse abrir caminho para uma retomada das forças produtivas mundiais, e que seria possível ao capitalismo mundial crescer a taxas médias de 6% por décadas. Os Estados Unidos, potência imperialista que não registrou tal destruição, saiu da 2ª Guerra com 42% da produção mundial, e uma preponderância nos negócios e política mundiais sem precedentes.
- 4) As leis da História são mais poderosas que as suposições burguesas. O esgotamento da retomada econômica começou a se manifestar, desde o final da década de 1970, com a crise do petróleo, mas que, durante vários anos, afetou diversas partes do planeta (México, Tigres Asiáticos, Japão, América Latina, etc.). A crise de 2008 revelou que o capitalismo mundial já não podia crescer além do vegetativo. Retomaram-se as tendências recessivas e de guerras da década de 1930.
- 5) Os Estados Unidos, Europa e Japão, as potências imperialistas, percorreram a trajetória dos exportadores de capitais que são. Foram desindustrializando suas economias, investindo nas possibilidades abertas na Rússia (compra de setores estatais na década de 1990), e principalmente na China (instalação de novos parques industriais, aproveitando da então barata força de trabalho). Esse mecanismo, que serviu de alívio para suas economias durante os anos de superprodução de valores dos anos de 1980/1990, acabaram servindo de base fértil para uma reviravolta de seus opositores, que passaram dialeticamente de válvula de escape a maior problema para as potências.
- 6) EUA, Europa e Japão passaram a retroceder sua parcela na produção industrial e agrícola mundial. No mesmo ritmo e alcance em que a China se projetava e a Rússia se recuperava. Após os anos pandêmicos, a China emergiu com quase um terço da produção mundial, enquanto os EUA amarga-

vam 15%, Europa, menos de 20%, e Japão, míseros 5%.

- 7) A ascensão de Trump ao governo ianque, em 2015, já expressava a necessidade de fazer com que se recuperasse a produção interna estadunidense, trazendo de volta as indústrias exportadas, e dando um salto na guerra comercial. A eleição de Biden não mudou essas tendências e necessidades gerais.
- 8) Colocou-se como necessidade imperiosa deter a China e repartir a Rússia. A destruição dessas forças produtivas poderia abrir caminho para uma nova retomada capitalista mundial, semelhante à ocorrida após a 2ª guerra. Para tal, coloca-se como necessidade destruir os estados operários degenerados, controlados pelas burocracias ditatoriais e restauracionistas, que expropriaram o poder político e econômico das massas que realizaram as revoluções proletárias. Mostrou-se impossível realizar essa ampla destruição por meio de uma transição gradual dos estados operários em burgueses. As burocracias dirigentes defendem a propriedade nacionalizada porque é sua fonte de poder e ganhos. Mas são incapazes de levar adiante a luta pela revolução socialista mundial. Esta depende de que aqueles que foram expropriados pela burocracia lhe tomem o poder de volta: o proletariado e as massas.
- 9) Isso explica por que a burocracia tentou por dois anos entrar em acordo com as potências da OTAN, para que esta não levasse suas instalações militares até a Ucrânia, fechando um cerco iniciado há 3 décadas sobre a Rússia. E explica também por que essa burocracia russa teve de avançar suas fronteiras sobre o Leste ucraniano, regiões de maioria russa e que estavam há nove anos em guerra civil por sua separação da Ucrânia dirigida pelo governo burguês fascizante de Zelensky. Mas não pode ir até o fim contra as potências imperialistas, a partir de seus métodos militares burocráticos e autoritários. Vai procurar sempre pelo acordo com o imperialismo, o que vai abrir caminho para uma nova situação de guerra no futuro. Somente o proletariado no poder pode levar a guerra revolucionária contra as potências imperialistas, apoiando-se nas massas oprimidas de cada país, fortalecendo suas lutas e avançando para a tomada do poder em cada um deles, em direção à revolução socialista mundial.
- 10) A defesa da retirada das tropas russas da Ucrânia, quando a OTAN comanda a guerra contra a Rússia e lhe fornece praticamente todo o estoque de armas das potências imperialistas, é concretamente a defesa da vitória da OTAN sobre a Rússia, permanência da ditadura de classe burguesa de Zelensky sobre as massas do país em geral, e do esmagamento do Leste russo em guerra civil há nove anos, em particular, pisoteando qualquer possibilidade de que essa região alcance sua autodeterminação, como foi amplamente demonstrado durante os oito anos de guerra civil nas manifestações políticas em

defesa de sua separação e união à Rússia. O mesmo se pode dizer sobre a Ucrânia no seu conjunto, que seria ainda mais subordinada às potências imperialistas, transformando-a em protetorado sob controle do imperialismo, que ainda sairia desse conflito fortalecido em sua capacidade de opressão sobre o proletariado mundial e os países oprimidos. O resultado seria a abertura do caminho para a destruição do estado operário degenerado e da economia nacionalizada na Rússia, ou seja, a contrarrevolução capitalista.

Propomos:

- 1) Diante da guerra da OTAN contra a Rússia na Ucrânia, cabe se colocar ao lado da defesa da conquista revolucionária da propriedade nacionalizada da indústria e agricultura, bem como aquela da maioria dos bancos, infraestrutura, transporte, energia, indústria militar estatais; contra o imperialismo (que pretende destruí-los, assim como as da China), para artificialmente criar condições para uma retomada das forças produtivas, como ocorreu no pós 2ª guerra mundial. Isso não quer dizer apoiar o governo da burocracia totalitária que expropriou o poder político e econômico do proletariado, nem seus métodos burocrático-militares. Mas faz toda a diferença para o proletariado mundial se o imperialismo vence ou é derrotado, e se a nacionalização na Rússia e China é preservada ou destruída. Por isso, o Congresso deve se posicionar claramente pela **DERROTA MILITAR DA OTAN NA UCRÂNIA!**
- 2) Se na França ou em outro país imperialista as massas se levantam contra seus governos, devemos ligar essa luta pela vitória dos explorados contra sua burguesia à derrota militar da OTAN na Ucrânia. São centenas de bilhões de dólares queimados em armamentos contra a Rússia, enquanto as massas enfrentam cortes ou destruição de serviços sociais, e alta inflacionária. A vitória das massas está na mesma proporção da derrota de seus países na guerra, e na saída deles da OTAN imperialista.

CONJUNTURA NACIONAL

Erguer uma oposição revolucionária ao governo burguês de frente ampla de Lula/Alckmin

Considerando que:

- 1) A eleição de 2022 expressou no Brasil mudanças que ocorreram no cenário internacional e também no nacional. A derrota eleitoral de Donald Trump, nos EUA, e a vitória apertada de Biden significaram uma mudança de forma no governo da maior potência imperialista. Isto porque se mantiveram as tendências e necessidades gerais da burguesia ianque diante da crise mundial do capitalismo. A política de guerra comercial declarada de Trump teve origem na necessidade de colocar um freio à desindustrialização do país, e a perda sistemática de posições na produção mundial para a China, e foi mantida em sua essência. A tentativa de contenção da imigração foi preservada. E o fortalecimento geral das forças mais reacionárias se mede pela proibição do aborto em grande parte do país.
- 2) O governo Biden pressionou pela libertação de Lula pelo STF, e sua candidatura à Presidência. Setores da burguesia nacional mais elevada se perfilaram junto a Lula, sob a aliança com Alckmin, um serviçal provado e aprovado pelas frações burguesas dominantes. A chamada Frente Ampla acomodou vários setores da burguesia nacional mais direitista, e mais as esquerdas como ajudantes de ordens. Bolsonaro contou com apoio de madeireiros, garimpo ilegal, agronegócio mais envolvido com agrotóxicos e práticas ilegais, como o desmatamento e invasão de terras indígenas, e setores do comércio.
- 3) Encerrada a disputa eleitoral, vários setores antes bolsonar-

istas passaram a integrar a base de apoio e assumir inclusive ministérios no governo. A Frente Ampla cresceu estendendo seus pontos de apoios políticos e sociais. Aumentou a centralização política do governo burguês sobre as organizações sindicais e populares, fortalecendo, portanto, seu poder de arrastar as organizações de massas para debaixo de sua sombra e submetê-las a seus ditames e medidas. Imediatamente, apresentou-se a essência da política econômica do governo: sustentar a todo custo o parasitismo financeiro, criando mecanismos de garantia ao capital financeiro internacional e grande capital nacional de sua rentabilidade, à custa de estrangular a capacidade de investimento estatal, e cortar gastos nos serviços sociais públicos e no sustento dos salários do funcionalismo. A essa política econômica, se deu o nome de Arcabouço Fiscal: um novo teto de gastos, já chamado de “PEC do fim do mundo”, só que agora ainda mais rebaixado, diante das condições concretas de estagnação econômica mundial. E que foi complementado agora, com a aprovação de uma Reforma Tributária, que vai desonerar a burguesia diretamente ligada à produção, à custa de taxar mais o comércio, reconcentrar as riquezas nas mãos dos estados mais desenvolvidos, e aumentar o custo de vida para as massas oprimidas. Tudo para centralizar ainda mais os recursos nas mãos do governo federal, e com isso oferecer mais uma garantia de sustento do parasitismo financeiro.

- 4) Com o novo governo burguês, e sob o pretexto de combater a extrema direita, as organizações de massa passaram a servir de canal para a defesa da política do governo junto às massas. Nada de levantar as reivindicações como elas são sentidas pelas massas, mas defender apenas o que o governo “pode” dar. Nada de organizar lutas, greves, que podem afetar o funcionamento e as relações do governo com a base parlamentar. Esse movimento levou ao estancamento dos movimentos, sua fragmentação, divisão, anulação e desmonte. Mesmo aquelas direções que debandaram do apoio ao governo, fazem em suas bases os mesmos acordos de destruição de empregos e direitos que aquelas abertamente governistas. A real defesa das reivindicações das massas se choca com o apoio ao governo burguês. Ou se defende um, ou outro. Hoje, a maioria das direções está por defender o governo e se opor às reais reivindicações, rebaixando-as.
- 5) A luta das massas não irá avançar pelo caminho de sua real independência de classe sem romper abertamente com as imposições e medidas impostas pelo governo burguês de Frente Ampla, convocando os trabalhadores a se organizarem coletivamente para impor suas reivindicações mais sentidas com os métodos da luta de classes, portanto, dando as costas às “mesas de negociação permanente” que servem de instrumento da burguesia e seus governos. Trata-se assim de convocar os explorados a imponham ao patronato e seus agentes, no executivo, judiciário e legislativo, as reivindicações que de fato protegem suas vidas, empregos e direitos. Não há nenhum campo intermediário na luta de classes. Ou se forjam os métodos e se defendem as reivindicações que criam as condições da luta revolucionária das massas contra a burguesia e seus governos de conjunto, ou se continuará envernizado com retórica esquerdizante uma política que acaba se mostrando democratizante e eleitoreira, desorganizando ainda mais a vanguarda e as massas em geral perante as tarefas colocadas pela situação política.

Propomos:

- 1) Que o Congresso critique e rejeite a bandeira de oposição de esquerda ao governo, que visa apenas a preparar um terreno eleitoral de disputa sindical ou de cargos no executivo e legislativo, reeditando a já fracassada e oportunista Frente de Esquerda, e se coloque pela defesa de erguer uma **OPOSIÇÃO REVOLUCIONÁRIA**, que apoiada nas reais reivindicações das

massas, impulsiona a unidade na luta, com organização independente, a partir das assembleias de base de fato democráticas, com os métodos próprios da luta de classes, e sob a estratégia da revolução social e do governo próprio das massas, um governo operário e camponês.

BALANÇO POLÍTICO E PLANO DE AÇÃO

A CSP-CONLUTAS não pode reproduzir em sua prática e na de seus sindicatos aquilo que as centrais governistas e sindicatos pelegos fazem

Considerando que:

- 1) O governo Bolsonaro, em 2019, conseguiu impor a reforma da Previdência. A quebra da greve geral de 2017, contra a Reforma Trabalhista de Temer, a ausência da organização de um combate nacional à fixação do Teto de Gastos (PEC do fim do mundo), e a falta de organização de um poderoso movimento a partir das bases contra a reforma de destruição da aposentadoria, impediram que o movimento das massas derrotasse o governo e a burguesia em seu objetivo de podar a Previdência em benefício do capital parasitário. As centrais sindicais se negaram a erguer uma frente única de luta para enfrentar as contrarreformas com os métodos da luta de classes. Prevaleceu o parlamentarismo, o método da apresentação de emendas aos projetos destrutivos dos governos. Os movimentos foram levados ao beco sem saída das negociações parlamentares, subordinadas às pressões do capital financeiro e grande capital. A CSP-Conlutas não conseguiu se colocar como alternativa classista e de combate diante desses ataques.
- 2) A Pandemia de Covid-19 foi um duro golpe sobre as massas. Os 700 mil mortos registrados e quase 38 milhões de casos confirmados dão uma ideia de como a doença atacou as massas brasileiras, principalmente os mais pobres. A burguesia provou que não é capaz de proteger minimamente as massas que explora. A resposta dos exploradores e de seus governos à Pandemia foi a da política burguesa de isolamento social, mas poderíamos chamá-la de quarentena de classe. A burguesia, a classe média e um setor dos assalariados foi convencida a ficar em casa, aguardando pela vacina. A maioria assalariada, no entanto, teve de continuar a trabalhar, indo para seu emprego com transporte coletivo lotado, permanecendo em ambientes de trabalho insalubres, voltando a seus lares mal acomodados, contaminando suas famílias, e dirigindo-se ao atendimento de saúde muitas vezes insuficiente para tratá-los.
- 3) A pior coisa que uma direção sindical ou popular pode fazer é deixar de formular uma resposta própria das massas para situações como essa, entregando o destino dos explorados aos exploradores e seus governos. A primeira tarefa nesse momento é a de organizar a resposta coletiva e de classe. Convocar as assembleias de base, discutir e aprovar um plano próprio das massas, que penalize a burguesia e seus governos, e que garanta a vida das massas. No entanto, não foi isso o que ocorreu. As direções das organizações de massas aderiram à posição burguesa do “fique em casa, se puder”, fecharam os sindicatos e demais entidades, e entregaram o destino das massas aos seus algozes. Sem suas organizações de massas, sem uma política própria e coletiva para se defenderem, os explorados foram encaminhados à doença e aos caixões.
- 4) A Medida Provisória 936 permitiu formalmente a redução da jornada de trabalho e salários, e a suspensão de contratos. Foi um duro ataque à maioria assalariada. E foi

imposta aos trabalhadores por meio dos seus próprios sindicatos, muitas vezes em assembleias virtuais. A falta de uma oposição de classe diante da resposta burguesa à Pandemia levou os sindicatos a colaborar com as medidas governamentais de proteção ao patronato. E não foram apenas as direções dos sindicatos das maiores centrais que se subordinaram a ela. Também as direções dos sindicatos da CSP-Conlutas acabaram servindo de canal para que governo e burguesia impusessem suas medidas aos explorados.

- 5) A partir das vacinas, a economia foi reaberta completamente pela burguesia. O trabalho a distância, virtual, permaneceu para parte dos assalariados. Mas a doença continuou contaminando e matando trabalhadores e suas famílias. A crise econômica, que tinha iniciado no final de 2019, teve um salto em 2020, e jamais voltou aos patamares pré-Pandemia, continuou a ser despejada sobre as massas. Os movimentos que primeiramente passaram a ocupar as ruas o fizeram sem uma política proletária. Subordinados primeiramente à proposta de impeachment que se discutia nas instituições burguesas a partir dos atritos entre o governador de SP, João Dória Jr., e o presidente, empunharam a bandeira do “Fora Bolsonaro”. Logo que esfriou esse debate, as bandeiras foram recolhidas e o movimento sumiu. A seguir, em 2021, a CPI da Covid foi aberta, e os movimentos voltaram, novamente com a bandeira de “Fora Bolsonaro”, e cujo conteúdo foi de Impeachment, a ser praticado pelo Congresso Nacional corrupto e apodrecido. Logo passou a ser levantada a bandeira de votar em Lula nas eleições de 2022, e o movimento também recuou. A CSP-Conlutas acabou sendo a borda esquerda desses movimentos voltados às instituições burguesas, e não conseguiu desenvolver uma política de independência de classe.
- 6) Nas eleições de 2022, a Frente Ampla burguesa de Lula/Alckmin disputou com Bolsonaro. A quase totalidade da esquerda se perfilou por trás dessa alternativa burguesa de comando da sua ditadura de classe. Era necessário apontar que qualquer que fosse o governo eleito ele seria burguês, e de ataques às condições de vida e trabalho das massas, defendendo a independência de classe, os métodos da luta de classe, e principalmente a estratégia própria de poder das massas, a revolução proletária e o governo operário e camponês. Essa posição permitiria desenvolver uma oposição revolucionária ao novo governo, e se apoiar no impulso às reivindicações mais sentidas das massas para combatê-lo. O apoio eleitoral à chapa Lula/Alckmin levou a um posicionamento embocado ao governo, em nome do combate à ultradireita. Diante dos bloqueios de estrada bolsonaristas, ou das manifestações de 8/01/23, não cabia chamar as massas a defenderem o governo, muito menos a defesa do resultado das urnas (“Abaixo o Golpe!”). Isto porque não houve real possibilidade de golpe, já que o imperialismo estadunidense (e também os principais setores capitalistas nacionais) estava apoiando o novo governo, bem como a maioria da cúpula militar – sob pressão aberta dos EUA sobre ela. Essa política subordinou a CSP-Conlutas à eleição do novo governo burguês de Frente Ampla, e a impediu de desenvolver a tática da oposição revolucionária, que é o que cabe diante do atual governo. A oposição de esquerda é uma continuidade dessa oposição ao governo naquilo que se caracteriza como ruim para os trabalhadores, mas que sempre está disposta a apoiar o governo burguês perante o fantasma da ultradireita, ou endossar suas medidas, sob a falsa premissa de que a eleição de Lula foi uma “vitória das massas” contra a ultradireita, a exemplo de exigir punição e cárcere ao Estado burguês contra os bolsonaristas.

- 7) A imposição de novas contrarreformas, como o Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária, assim como outros ataques, como o Marco Temporal e a manutenção da reforma do Ensino Médio, reforçam a necessidade de se organizar a oposição revolucionária ao governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin. Não se trata de organizar uma frente de mera disputa sindical e eleitoral, que é a chamada “oposição de esquerda”. Não se trata de reproduzir nos sindicatos da CSP-Conlutas a mesma política de negociação de destruição de direitos, salários e empregos aplicada pelas demais centrais (acordos de lay-off, etc.). Somente erguendo um movimento nacional assentado nas reivindicações das massas, com os métodos da luta de classes, a partir das assembleias de base e presenciais, com total independência de classe e sob a estratégia própria de poder do proletariado, será possível desenvolver uma frente única de luta contra o governo e os patrões.

Propomos:

- 1) Nada de “oposição de esquerda” cujo conteúdo é eleitoral e sindical! Construir uma oposição revolucionária ao governo burguês de Frente Ampla de Lula/Alckmin, nas lutas das massas e no interior dos sindicatos governistas! Rejeitar os acordos de destruição de direitos, salários e empregos! Convocar as assembleias de base para enfrentar os patrões e o governo com os métodos da luta de classes!

Considerando que:

- 1) O sindicato é o instrumento da ação unitária e coletiva da classe para lutar pelas reivindicações. No entanto, a quase totalidade deles foi transformada em escritórios de burocratas que negociam os ataques dos governos e patrões contra as massas. Utilizam de assistencialismo e judicialização para arrebatar seguidores. Usam-no de trampolim eleitoral, para galgar postos nas instituições da democracia burguesa.
- 2) A conciliação de classes se desenvolveu no país, mudando de forma, passando, de uma política de freio das lutas e aceitação de migalhas, para a de oposição propositiva, para a de estatização dos sindicatos e subordinação aos governos petistas, para a de negociação no campo da liquidação dos direitos dos trabalhadores no interior do parlamento ou diretamente com patrões e governo, e hoje para a da maior estatização das últimas décadas, de proteção das políticas e do próprio governo burguês no interior dos movimentos.
- 3) A burocratização dos sindicatos e de suas instâncias de discussão e deliberação afastam as bases de qualquer proposição ou discussão a respeito das respostas a serem dadas diante dos ataques governamentais e patronais. As assembleias viraram instrumentos de mero referendo do que fazem as direções burocráticas.

Propomos:

- 1) A convocação de assembleias em todos os sindicatos da CSP-Conlutas, para discutir uma plataforma de reivindicações e a organização de uma frente única de luta por ela. Uma campanha nas bases das demais centrais, de forma a impulsionar a luta e pressionar as direções para erguer a luta unitária e nacional.
- 2) A rejeição à negociação de direitos, salários e empregos em geral. Responder ao fechamento ou suspensão do trabalho nas fábricas com a mobilização, a ocupação da fábrica e a imposição do controle operário.
- 3) Construir a oposição revolucionária também nos sindicatos dirigidos pelas direções burocráticas, de esquerda ou de direita. Que se apoie nas reais necessidades das massas e defenda a unidade na luta. Que combata a estatização dos sindicatos e sua subordinação às instituições burguesas (o

parlamento é o cemitério das reivindicações). Que defenda a real democracia sindical e a real independência de classe. Não se trata de trocar uma direção burocrática por outra, menos pelega. Mas de transformar completamente os sindicatos, para eles sejam de fato uma organização geral dos trabalhadores para lutar pelas reivindicações.

O PROCESSO DE REORGANIZAÇÃO E O CARÁTER SINDICAL, POPULAR E CLASSISTA

Considerando que:

- 1) A reforma sindical, que permitiria que as centrais negociassem por cima dos sindicatos, a burocratização da CUT, e a partidização de setores sindicais, levou à fragmentação do movimento sindical em mais de uma dezena de centrais, a maioria delas subordinada a um partido político, e não como expressão da organização real das massas pelo país.
- 2) A criação da CSP-Conlutas se deu a partir de movimentação de aparatos, e não de uma cisão das bases com a CUT burocratizada. Ela deveria se desenvolver como uma alternativa classista diante das outras centrais. Seu crescimento deveria expressar o avanço de uma vanguarda classista que se desprendesse das direções reformistas e diretistas. Somente apoiada numa sólida política proletária de independência de classe e de inserção nos movimentos, ela poderia cumprir esse papel.
- 3) O que temos visto, ao contrário, é o enfraquecimento da central. Os maiores sindicatos que se responsabilizavam por seu sustento a deixaram. A centralização política exercida pela Frente Ampla burguesa atraiu os outrora “aliados” para debaixo do guarda-chuva governista. Importantes sindicatos foram perdidos para burocratas das demais centrais. A CSP-Conlutas não se firmou como alternativa classista a tudo isso.
- 4) A divisão iniciada abriu caminho para outras cisões, que construíram a CTB, duas Intersindicais, etc. As tentativas de unidade organizativa com a Intersindical fracassaram. Pesaram mais os interesses de aparato. A tremenda divisão da organização sindical brasileira em várias centrais leva ao enfraquecimento da classe diante da burguesia e seus governos, que usam da divisão para fazerem avançar suas medidas.
- 5) A frente ampla burguesa reúne e unifica, sob um mesmo programa, a maioria das frações burguesas, e submete quase todas as centrais e sindicatos do país, desgraçando a vida dos explorados e afundando a economia nacional no parasitismo financeiro, enquanto as massas oprimidas se acham atomizadas e divididas. O divisionismo sindical e os interesses aparelhistas de cada fração burocrática, seja de direita, reformista ou de esquerda, fortalece a ação centralizadora do estado burguês sobre os organismos de luta das massas. A orientação para a reunificação de todos os sindicatos e centrais, por meio da luta interna nos sindicatos para construir frações verdadeiramente classistas em suas direções, sob o programa e estratégia de uma verdadeira Oposição Revolucionária, é a via histórica para reunificar e reorganizar o proletariado e assalariados como uma força coletiva e coesa contra seus exploradores.

Propomos:

- 1) Lutar pela unidade do movimento sindical brasileiro, a partir da derrubada das direções burocráticas dos sindicatos e centrais pelegas, e constituição de uma única central sindical, a partir de um congresso sindical nacional unitário e sob democracia operária, construído a partir das bases, e com um programa de real independência de classe.